



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIAAFROBRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES(HL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

Nixon António Guerra

As artes visuais em Bissau: Notas sobre processos de (in) visibilidade dos (as) pintores
(as) guineenses.

ACARAPE – CE
2023

Nixon António Guerra

As artes visuais em Bissau: As artes visuais em Bissau: Notas sobre processos de (in) visibilidade dos (as) pintores (as) guineenses.

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB

Orientadora Prof. Dra. Joana D'Arc Lima

ACARAPE – CE

2023

Nixon António Guerra

As artes visuais em Bissau: As artes visuais em Bissau: Notas sobre processos de (in)
visibilidade dos (as) pintores (as) guineenses.

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado como
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em
Humanidades na Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB

Data de aprovação

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Profa. Dra. Joana D'Arc Lima

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –UNILAB

Julgamento _____

Profa. Dra. _____

Intuição _____

Julgamento _____

Profa. Dra. _____

Intuição _____

Julgamento _____

Acarape
2023

Minha dedicatória vai para meus pais que batalharam para minha vida permanecer crescente, em especial ao meu pai César Guerra que dedicou sua vida para o sucesso dos filhos, à minha querida mãe Quidama que não conviveu bastante comigo, mas que deixou uma lembrança boa comigo e aos meus irmãos, William, Whegan, Whissan, Whaldina, Whaste, Whotte, Brawn, Ivanilde, Tosh, Willa, Epifânio, Etiandro, Julinho, Toia que me inspiram a dar meu melhor a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro momento, agradeço a Deus pai pela vida aqui na terra, por ter proporcionado oportunidade de viver momentos inesquecíveis como a que estou vivendo agora, a apresentação do trabalho de conclusão de curso, que não é somente uma apresentação, mas também uma conquista de vida.

Em segundo momento, agradecer a mim mesmo pela força, garra, persistência em não desistir nas dificuldades, saber que devagar se chega longe, não que eu quisesse ir devagar, mas a situação na qual me encontrava exigia muita paciência e resiliência para não parar no meio do caminho.

Em terceiro momento, obrigado pai César Guerra pela dedicação, força e energia que o Senhor deu para criar um homem capaz de superar qualquer obstáculo, aprendi com o melhor. Agradeço aos meus irmãos e ao meu primo Ebinezer Pedrinho Monteiro que me incentivaram a continuar de modo a fechar este ciclo que iniciei na vida acadêmica, que é escrever o TCC.

Em quarto momento, agradeço pela assistência recebida da minha querida professora Joana D'Arc Lima que soube me auxiliar nessa fase da caminhada árdua.

Finalmente minha gratidão a todos que de forma indireta participaram deste circuito que pareceu não ter fim, afinal ele finda e findou, amém!

“Para fazer uma obra de arte não basta ter talento, não basta ter força, é preciso também viver um grande amor”

(Wolfgang Amadeus Mozart)

RESUMO

Este projeto tem como objetivo procurar responder às questões que me inquietaram durante meu percurso como investigador e como artista - venho me reconhecendo como artista -, sobre a visibilidade da produção dos artistas plásticos, em específico os (as) pintores (as) de Bissau na atualidade. Consideramos, como hipótese inicial sobre a temática posta que a ausência das políticas públicas voltadas para artes visuais, a instabilidade política do estado e a inexistência de escolas de formação de novos artistas são fatores que dificultam a visibilidade destes artistas dentro da Guiné Bissau, mais propriamente em Bissau, capital do país. Entender as dificuldades e os desafios que os (as) artistas plásticos têm enfrentado desde o ano de 2015 até o ano de 2023, é uma das questões colocadas para a reflexão no processo de pesquisa. Para atingir esses objetivos, de forma a chegar às possíveis respostas das nossas indagações, pretendemos aprofundar os estudos bibliográficos sobre o campo das artes nas Áfricas, a história das artes no continente, particularmente na Guiné Bissau. Do ponto de vista metodológico adotamos uma abordagem de pesquisa qualitativa. Propomos realizar entrevistas com artistas guineenses que estão morando tanto fora da Guiné Bissau e aqueles (as) que permaneceram no país. Nesse sentido trabalharemos com história oral - realização de entrevistas e transcrição do depoimento. Para a produção deste projeto já realizamos entrevistas com três artistas plásticos Guineenses, por meio de um formulário google e uma entrevista realizada em um aplicativo de reunião GoogleMeet, gravado e já transcrito, de modo a construir a fonte oral - depoimento -, que pudessem nortear a nossa pesquisa. Por fim pretendemos analisar a produção visual pictórica desses artistas entrevistados (as) para refletir sobre quais são os caminhos de criação e os repertórios vistos nas narrativas visuais.

Palavras Chave: Artistas plásticos; Visibilidade; Pintura; Guiné-Bissau

LISTA DE SIGLAS

INE - Instituto Nacional de Estatística e Censo

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

CCP - Centro Cultural Português

ONG - Organização não Governamental

MAC - Museu de Arte Contemporânea

TV - Televisão

TGB - Televisão da Guiné-Bissau

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. OBJETIVOS	11
2.1. OBJETIVO GERAL	11
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3. HIPÓTESES	12
4. JUSTIFICATIVA	12
4.1. REFERENCIAL TEÓRICO	13
5. METODOLOGIA	15
6. CRONOGRAMA	16
7. REFERÊNCIAS	17

1. INTRODUÇÃO

A República da Guiné-Bissau possui uma extensão territorial de 36.125km², situada no continente africano, na costa ocidental da África, banhada pelo oceano Atlântico. Faz fronteira ao norte com a República do Senegal e ao sul com a República da Guiné Conacri. O país possui uma população de 1.548.159 mil habitantes segundo o último censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística e Censo - INE, em 2009. Integra cerca 80 ilhas que constituem o arquipélago dos Bijagós, além dos territórios continentais que compreendem oito regiões: Bolama, Bafatá, Gabu, Cacheu, Quinara, Tombali, Oio, Biombo, mais o setor autónomo de Bissau que é a capital. Em termos culturais, a Guiné Bissau constitui um país multiétnico e cada uma dessas etnias possui sua tradição, religiosidade, língua, representações artísticas e costumes, que acabam contribuindo para o enriquecimento do patrimônio artístico e cultural guineense.

Na Guiné-Bissau existem diversos grupos de artesãos, trabalhando em diferentes dimensões artísticas, tais como a escultura feita em troncos de madeira, pequenos ou grandes, objetos e peças variadas moldadas pelo ferro, objetos utilitários ou não feitos em barro, argila, desenhos, pinturas, a música com seus mais plurais ritmos, a costura, literatura e outros. Em relação a instituições museais existe um museu etnográfico no país. Não obstante, muitas obras se encontram num estado de degradação, sem um trabalho de restauração e conservação. Não há incentivos artísticos que permitam a ampliação do acervo no museu, portanto não há política pública de aquisição de obras artísticas. Ademais, muitas obras de arte desapareceram do museu durante o conflito político militar de sete de junho de 1998.

Em uma matéria jornalística na revista Apotheke (2021), Nu Barreto, artista plástico guineense afirmou, “a luta pela visibilidade do trabalho é a maior dificuldade que nós artistas encontramos” (pág. 209). Diante do balanço inicial citado acima em relação às diversas produções e manifestações culturais e artísticas e em relação ao campo cultural institucional, políticas públicas para cultura, etc., e, frente a esse depoimento do artista Nu Barreto nós fazemos uma questão que orienta esse projeto de pesquisa: Como os (as) artistas conseguem viver de sua arte na Guiné Bissau? Como conquistar a visibilidade do trabalho artístico na Guiné Bissau? Como superar esses obstáculos?

Nesse projeto de pesquisa, nossa investigação busca responder a essa questão sobre a visibilidade da produção dos artistas plásticos, em específico os (as) pintores (as) de Bissau na atualidade. Entender as dificuldades e os desafios que parte dos (as) artistas plásticos têm enfrentado desde o ano de 2015 até o ano de 2022. Esta nossa preocupação surgiu com base no momento em que nós diagnosticamos, a partir da minha experiência como artista plástico

ou desenhista e alguns depoimentos de outros (as) artistas¹ a ausência de visibilidade das artes visuais na Guiné Bissau, sobremaneira na capital do país, que nos parece que é persistente e perene. Ao contrário do Brasil, acreditamos que na Guiné-Bissau não há políticas públicas voltadas para a comunidade dos artistas, e até ausência de escolas de formação para jovens que têm a pretensão de trilhar o caminho profissional como artista visual. Portanto vamos debruçar nosso olhar para uma das vertentes da produção das artes visuais na contemporaneidade, que é a pintura.

Durante minha estada na capital cearense, na cidade de Fortaleza/CE, consegui perceber as movimentações - a dinâmica do campo das artes - que as artes dos mais variados tipos se entrelaçam formando bolhas de emoções para aqueles que apreciam. Aqui não pretendemos comparar Fortaleza e Bissau, Cearense e Bissauenses, nossa intenção aqui é mostrar como um planejamento (política voltada às artes visuais do país) pode fazer com que as coisas aconteçam, se crie redes de trabalhadores (as), espaços de difusão e por fim promova a circularidade dos trabalhos, ou seja mercado. Além da produção de uma fortuna crítica que ajuda a criar promoção pública dos trabalhos e dos (as) artistas. Todos esses agentes sociais, articulados em rede de co-dependência, situados socialmente, formam o que Pierre Bourdieu conceituou de campo artístico (2010).

O artista plástico Nuno Tambá (Young Nuno) conhecido no mundo das artes, vem fazendo um esplêndido trabalho nas ruas da cidade de Bissau, resgatando memórias das figuras públicas do período colonial e pós-colonial. Young Nuno é um exemplo de muitos outros artistas da capital Bissau que demonstram vontade imensa em produzir as suas artes, embora não possuam meios adequados que facilitem a produção de suas obras, a venda e o reconhecimento.

Desta maneira, surge a nossa preocupação em entender porque as produções artísticas dos nossos (as) artistas não recebem uma atenção pública (visibilidade) no próprio país (cidade de Bissau). E para entendermos melhor como esse processo decorre, nossa pesquisa terá como fonte principal entrevistas gravadas com alguns artistas que habitam na cidade de Bissau e ou aqueles que precisaram sair do país para se reconhecerem como artistas e viverem de sua própria arte. Buscaremos para ampliar essas fontes orais - depoimentos -, outros documentos como matérias de revistas, Instagram dos (as) artistas, também

¹ Realizamos para a construção desse projeto três entrevistas gravadas no google meet, com artistas guineenses. Dois deles, uma artista mulher que atualmente mora na Costa do Marfim, Irley Barbosa Rivera; um artista que mora em Lisboa e outro que mora na Guiné Bissau. (Sidney Cerqueira e Lemos Djata).

buscaremos ampliar nossas fontes com uma busca de ONGS e instituições como PNUD e o CCP/Instituto Camões que podem promover ações culturais que envolvem artistas plásticos guineenses em ações e trabalhos.

Por fim, mas não menos importante, prevemos nesta pesquisa fazer uma pesquisa de campo em Bissau para cartografar ou mapear escolas, ateliês de artistas que funcionem como espaços de formação. Também, buscaremos verificar se há algum tipo de iniciativas por parte do governo de Bissau de incentivos para os (as) artistas produzirem. A isso estamos chamando de políticas públicas voltadas para a produção, difusão e formação de profissionais que possam viver de sua produção artística.

PROBLEMATIZAÇÃO

A ausência das políticas públicas voltadas para artes visuais, a instabilidade política do estado e a inexistência de escolas de formação de novos artistas são fatores que estagnam a visibilidade dos artistas em Bissau.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Investigar como se dá o processo de produção, formação e a exibição/circulação das artes visuais em Bissau, quais as dificuldades de visibilização enfrentadas pelos (as) artistas que trabalham com as artes em Bissau, mas sobretudo, daqueles (as) que trabalham com a pintura.

2.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar a existência ou não de escolas oficiais de formação para os artistas em Bissau;

Realizar um levantamento sobre a existência de ateliês de artistas que oferecem cursos de formação em artes;

Verificar a existência de apoio - políticas públicas - dado por parte do governo para difusão das artes visuais;

Descrever as particularidades dos artistas sobre a visibilização de suas obras; classificar os desafios que circulam na esfera das artes plásticas Guineense.

3. HIPÓTESES

A inexistência de uma política pública contínua voltada para a comunidade dos artistas, talvez seja o principal fator que provoque uma ausência de formação, difusão e exibição das artes plásticas na cidade de Bissau corroborando para sair uma invisibilidade dos (as) artistas e deslocamentos de alguns para fora da Guiné Bissau.

Outro fator que colocamos em questão como hipótese neste projeto de pesquisa é que é possível que a crise política na Guiné-Bissau possa ser um fator que culmine na falta de valorização das artes plásticas.

Acreditamos que as dificuldades iniciais dos artistas envolvidos estão no cerne da aquisição dos materiais para a produção das artes, a pintura em especial.

A falta de incentivos para a formação de público consumidor das artes, além da ausência de poder aquisitivo para aquisição de trabalhos artísticos.

4. JUSTIFICATIVA

O presente trabalho surge de uma inquietação a partir do momento que me vi na condição de artista, ao perceber ao mesmo tempo a dificuldade que envolve se assumir artista, dificuldade da aquisição de materiais/ferramentas para pintar, reconhecida por mim e vista na trajetória de alguns conhecidos artistas e na complexa teia de relações que se forma no campo das artes para jovens artistas adentrar esse espaço de legitimidade.

Da mesma forma, surgiu a preocupação de que para quem se interessar em aprender a pintar, tem uma dificuldade de encontrar artistas que ensinem ou um ateliê que o inspire a trilhar por esse caminho. A pintura é uma linguagem recorrente no modo de criação de muitos artistas do continente africano a partir dos anos 1940 - 1970, principalmente. Período em que algumas escolas de Belas Artes serão fundadas e uma certa visualidade nos modelos ocidentais serão inseridas nessas formações.

Desta maneira, dentre as outras artes visuais, daremos atenção especial à pintura pelo fato de ser a área da arte visual que mais tem destaque e um potencial forte para alavancar, de forma a atingir um patamar elevado e assim fortalecer outras áreas das artes e também resgatar memórias culturais da cidade e do país.

É de grande importância pesquisar sobre esta temática, uma vez que as artes visuais Guineense, como outras artes, na nossa visão, são pouco **apreciadas e valorizadas**, e quando são nos parece que há um número reduzido de apreciadores. Desta forma, buscamos chamar atenção ao público, quer seja artista, quer seja os apreciadores (consumidores) das artes de que é preciso olharmos para qual direção as nossas produções artísticas estão caminhando.

Esperamos com esta pesquisa contribuir para ampliar as narrativas sobre as artes visuais no continente africano, trazendo as experiências de artistas (pintores) da Guiné Bissau, assim poder contribuir para dar visibilidade aos artistas e seus trabalhos. Também pretendemos despertar o desejo nos artistas a criarem uma comunidade no qual possam oferecer oportunidades de aprendizado e trocas de experiências, facilitando a formação para as pessoas que têm a intenção em aprender a fazer as artes. Por último, mas não menos importante, acreditamos que com essa pesquisa podemos, igualmente, promover em Bissau um debate mais ampliado sobre a necessidade de fomentos públicos para produção e para a formação de artistas, fortalecendo redes de formação coletiva, assim como impulsionando a cadeia produtiva das artes visuais.

Para finalizar, acreditamos que essa pesquisa possa contribuir para o ensino da Arte africana que se configura na contemporaneidade como maquinaria bélica, como possibilidade, repertório, estratégia de desnaturalização do racismo, do preconceito, das estereotípias cristalizadas e consideradas verdades absolutas no âmbito da educação e da vida social. Essa pesquisa poderá ajudar professores (as) a descolonizar a escola, o currículo, a formação dos docentes, a produção de materiais didáticos e pedagógicos, o espaço da escola como um todo e suas produções de narrativas. Introduzir a arte africana feita na Guiné Bissau nesse contexto é produzir um despertar para as questões étnico-raciais presentes e latentes no espaço escolar e na sociedade de modo geral. Nesse sentido, o ensino da Arte Africana abre uma agenda política urgente no Brasil e nos países da integração.

4.1. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste projeto de pesquisa utilizaremos alguns historiadores da arte, críticos de artes e depoimentos de artistas plásticos que nos ajudarão a construir um embasamento teórico para a compreensão acerca do tema escolhido. Importante citar aqui alguns dos teóricos que contribuirão com essa pesquisa, Kabengele Munanga, com o emblemático estudo, *A Dimensão Estética na Arte Negro-Africana Tradicional* (2006), importante estudo que discute,

que por muito tempo, a arte africana foi invisibilizada pela história universal da arte. Segundo autor,

(...) considerada primitiva como os povos que a produziram, pensava-se, de acordo com o esquema evolucionista do século XIX, que esta arte ainda se encontrava na fase infantil representada pela forma figurativa e que podia evoluir até chegar um dia à fase adulta representada por uma arte intelectual geométrica e abstrata, fase em que se encontrava a Europa “civilizada”. Esta visão era sem dúvida apoiada nos preconceitos da época, na ignorância da complexidade e sofisticação da arte negro-africana, e também nos ideais da Missão Civilizadora. (Munanga, 2006, s/p).

Outro autor caro para essa pesquisa é Mundibe (ano) ao apresentar a reflexão sobre “Uma ideia de África” e os usos do qualitativo África, africano em narrativas antigas. Como definir as culturas africanas? Não se pode ignorar um corpo de conhecimento no qual África foi subsumida pelas disciplinas ocidentais, tais como a antropologia, história, a teologia ou qualquer outro discurso científico – facto que o autor buscou demonstrar muito concretamente no livro *A Ideia de África* (2012). Arte africana, segundo o autor considera, é uma construção discursiva e histórica, portanto, em determinados contextos históricos o uso do qualitativo “africana” para o substantivo arte aponta para certas produções discursivas que anunciam o valor ético, estético, político e histórico de objetos da arte da cultura ou das representações artísticas e culturais analisadas.

O artigo da pesquisadora Sally Prince intitulado por *A arte dos povos sem história*, que foi publicado na *Revista Afro-Ásia* (1996) nos ajuda a pensar sobre essas construções estereotipadas sobre arte africana que foram construídas por autores clássicos da antropologia, da história da arte.

Na concepção de Kasfir (1990) há uma controvérsia acerca da arte africana e do seu papel como espelho da história colonial do ocidente. A arte africana anterior ao colonialismo era apresentada como uma poderosa fonte de inspiração para os protocubistas, impressionistas e surrealistas.

A arte produzida anteriormente ao colonialismo será considerada como autêntica (sem contaminação pela influência ocidental), sendo aquela produzida para ser utilizada pela sociedade que a produzia. Enquanto que a arte produzida num contexto colonial ou pós, passa

a ser considerada não autêntica. O que define que uma determinada arte é autêntica e outra não? Notamos que a autenticidade continua a ser definida pelos mais importantes museus de artes, pelos colecionadores e pelos marchand. (KASFIR, 1990).

Há um desejo profundo em manter/resgatar os velhos modos de vida dos africanos, muitos autores ocidentais têm lamentado a perda da produção da arte tradicional. No entanto, ainda há tanta produção de arte em curso na África em variedade maior que antes. (WALLET, 2010). O ocidente quis e esperou do artista estrangeiro, vindo de países ditos subdesenvolvidos, um estilo primitivista, exótico, que retratasse a sua cultura, não permitindo a este a abordagem de outros temas. (YUNES, 2021).

Segundo o artista Guineense Nu Barreto, “A visibilidade das suas artes é a maior dificuldade que encontram na difusão das suas obras” numa entrevista dada à revista Apotheke (2021).

Não é de hoje que a visibilidade vem sendo um obstáculo para os artistas africanos, em particular os de Bissau, acreditamos que a configuração desta conjuntura se deve ao “declínio dos velhos modos de vida dos africanos”. Na visão de Wallet (2010) não se registrou aspectos das sociedades africanas que mostravam mudanças, isto com o intuito de não caracterizar influências externas que têm afetado a África e suas produções artísticas há bastante tempo.

Para Enwonwu (1956) há vários problemas que estão sendo enfrentados pelos artistas africanos hoje em dia, um deles é o político, no qual arte está inserida na esfera política, mas que esta é um fenômeno isolado. Ele traz a percepção de que nos velhos tempos em que o artista africano não tinha que enfrentar problemas do cunho político, este concentrava sua criatividade e produtividade nas crenças tradicionais e locais.

Artistas que vivem nas aldeias, como seu modo de vida não é alterado, mantêm a antiga visão e o artesanato tradicional, as artes que eles criam é viva e sua apreciação é genuína, simples, direto e sincero. ENWONWU (1956).

5. METODOLOGIA

Realizaremos uma pesquisa qualitativa e de caráter documental. Prevemos para este estudo a realização de um mapeamento organizado por meio de um formulário Googleform que comporá um questionário para construir um mapa de artistas/pintores (as) que nasceram na Guiné Bissau e ou estão radicados em outro país. Com base nesse mapeamento poderemos

construir uma cartografia das artes plásticas na cidade de Bissau e seus movimentos de quem permanece e de quem sai do país para viver de arte fora. Será indagado nesse questionário sobre formação, incentivo por parte do governo e venda de trabalhos. Isso nos ajudará a responder em parte as questões que orientam esse trabalho.

Prevemos realizar mais três entrevistas orais com alguns destes artistas. Essas serão guiadas por um roteiro aberto de questões. Essas entrevistas serão gravadas pelo Google Meet e depois transcritas gerando um documento importante para análise. A exemplo das três entrevistas que já realizamos com os artistas (em anexo a esse projeto): Irley Barbosa Rivera, Sidney Cerqueira e Lemos Djata. Somando no total três depoimento oral. Posteriormente, nosso enfoque será analisar os depoimentos de cada entrevistado (a), com a determinação de identificar a problemática da questão.

De igual modo, faremos uma análise da produção pictórica de cada artista envolvido para melhor compreensão dos estilos e técnicas aplicadas na produção das artes, seus repertórios poéticos e temáticos. Assim sendo, analisamos referências bibliográficas a fim de ter uma base sólida de argumentos para embasar nossas hipóteses preestabelecidas.

6. CRONOGRAMA

Calendário das Atividades	Período					
	1º e 2º mês	3º e 4º mês	5º e 6º mês	7º e 8º mês	9º mês	10º mês
Revisão Bibliográfica	X	X	X			
Fichamentos das bibliografias e recolha dos dados	X	X	X	X		
Pesquisa de Campo		X	X	X		
Análise dos dados e discussão teórica		X	X	X	X	
Escrita do Texto Final			X	X	X	X
Revisão do texto final					X	X
Apresentação dos resultados ou defesa pública						X

REFERÊNCIAS

Bourdieu, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia das Letras, 2010. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-As-regras-da-arte.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2021.

Gandolfo, Gianfranco. Reinata Sadimba. Escultura/Cerâmicas. **Não somos iguais, estamos diferentes**. Editorial Kapicua, 2012. [S.I.]

Mudimbe, V. Y. “*Da Arte Primitiva” aos memoriae loci*”. In **A ideia de África**. Edições Pedagogo, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/634485401/Mudimbe-Ideia-de-africa>. Acesso em: 29 nov. 2021.

Munanga, Kabengele. “**A dimensão estética na Arte Negro-Africana Tradicional**”. In: Ajzenberger, Elza (org.). **Arteconhecimento**. São Paulo: PGEHA, 2004, p. 29-44. Disponível em: <http://www.macvirtual.usp.br/mac/arquivo/noticia/Kabengele/Kabengele.asp>. Acesso em: 22 nov. 2021.

Nascimento, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (Orgs.). **Adinkra: A sabedoria em símbolos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009. [S.I.]

Observatório da Imprensa: **Estado atual das artes e liberdade artística na Guiné Bissau**. 04 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://bitly.com/D5H5n>. Acesso em: 20 nov. 2021.

Okeke-Agulu, Chika; Enwezor, Okwui. “**Situando a Arte Contemporânea Africana**”. In: **Africa Africans. Arte Contemporânea**. Catálogo de exposição realizada no Museu Afro Brasil(SP). São Paulo: Museu Afro Brasil, 2015. [S.I.]

Price, Sally. **A arte dos povos sem história**, *Revista Afro-Ásia*. Universidade Federal da Bahia, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20906/13524>. Acesso em: 20 nov. 2021.

Revista Apotheke: uma conversa com o artista guineense Nu Barreto, 01 de abril 2021. Disponível em: <https://bitly.com/VM3sb>. Acesso em 08 nov. 2021

Santos Nélio dos, **Guiné-Bissau: A crise aos olhos dos artistas**. 24 de setembro 2017. Disponível em: <https://bitly.com/3haIQ>. Acesso em: 08 nov. 2021.

Thompson, Robert Farris. **Flash of the spirit, arte e filosofia africana e afro-americana**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2011. [S.I.]

Barbosa Rivera, Irley. Entrevista GoogleDrive, 26 de novembro de 2022. Disponível em: <https://bitly.com/dOZ8F>.

Cerqueira, Sidney. Entrevista GoogleDrive, 08 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://bitly.com/dOZ8F>.

Djata, Lemos. Entrevista GoogleDrive, 10 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/my-drive>.

ANEXO 1



IRLEY BARBOSA RIVERA

Sou guineense, nascida em Bissau, artista plástica autodidata, professora de história de base, formada em Portugal, onde terminei o liceu, fui universitária e dei aula ANTES DE VOLTAR PARA A GUINÉ, lá trabalhei na área da educação numa ONG holandesa durante 4 anos. Decidi junto com o meu marido ir morar na Tunísia, após ele ganhar um posto de trabalho no Banco Africano do Desenvolvimento. Continuei o estudo do idioma francês, após terminar o mestrado, me dediquei ao estudo da arte plástica, desde da infância gostava de desenhar, era e ainda é a minha paixão. lembro que comecei a desenhar a lápis, pois na época não existia materiais acessíveis de pintura.

Quando decidi frequentar a universidade de belas artes, meus pais me aconselharam a continuar com a pintura como hobby, mas que deveria ter uma formação numa área que pudesse sustentar a vida.

Quando chegou a hora de voltar para a Guiné, eu e o meu marido decidimos ficar, desta feita tinha mais tempo para me dedicar à pintura e a família.

Me formei em outras áreas, mas, por outro lado, sempre estive pesquisando, realizando visitas às exposições, estudando sobre as diversas artes, como artesanatos e pinturas. Quando me dei conta, percebi que já tinha 20 a 30 telas em casa e chegou uma amiga que me incentivou a expor estas telas, ressaltando que eu tinha talento que não devia guardá-la só para mim. A partir daí se deu a primeira exposição como artista plástica, que aconteceu na data do dia 8 de março de 2012.

Na Universidade, nas comemorações do Dia da África, 25 de maio realizavam eventos culturais, participei das exposições.

Após minha formação universitária, realizei o que considero como minha primeira exposição individual, realizada no Museu de Visto Cainhos na cidade de Braga, Portugal. Foi assim que eu adentrei no mundo das artes plásticas. Atualmente vivo na Costa do Marfim (Abidjan) onde já tenho 7 anos de morada, vivi 5 anos na Tunísia.

Em Abidjan a atividade artística é muito intensa, a cultura é valorizada, a população é maior e tem um poder aquisitivo amplo do contrário em Bissau, uma classe média esclarecida, tudo isso propicia a exercício da arte e assim viver dela, apesar das dificuldades existentes e das complicações, é possível. Hoje dedico 100% do meu tempo às artes. Em 2018 decidi criar uma página no Facebook que tem como objetivo reunir artistas plásticos da cidade de Bissau.

Sobre participação nas galerias de artes

Fiz 3 exposições individuais e dentre as várias participações coletivas. Existe um instituto francês que realiza atividades culturais, em 2018 já expus lá, também expus no hotel Ivoir 2016 um dos principais hotéis na costa do marfim. As exposições são permanentes por um período de 2 meses para cada artista, a cada ano são selecionados 6 artistas plásticos. Geralmente as vagas são preenchidas um ano antes de ocorrer a exposição.

Cheguei na costa do marfim em 2015 e me colocaram em contato com o pessoal do hotel Ivoir e já no ano seguinte consegui realizar a exposição, desta forma comecei a ser conhecida

como artista e estar em colaboração com outros artistas. De igual modo, sou conhecida no meio da comunidade internacional pelo fato que o meu marido trabalha neste seio, com isso sou muito requisitada para fazer encomenda para as pessoas que viajam de volta, aos políticos, chefes, para decorações de casas.

Recebo também no meu ateliê pessoas interessadas em conhecer meu trabalho e a adquirir as minhas obras, também faço marketing de vendas online.

Tenho quadros para exposição permanentes em três galerias, Reton des'art no centro da cidade que tem lá exposições, no CONTOIR DES ARTESAN, calabas creation.

Estou ligada à galeria Nimba ou NIMBA ART GALLERY, criada por um guineense residente em Portugal, a intenção é promover a arte dos países lusófonos. Através dela participei numa exposição no parlamento europeu em 2019, éramos cinco artistas, um dos primeiros artistas africanos a expor suas obras no parlamento europeu.

Sobre a escola de artes em Bissau

Tenho informações, porque quando decidi levar sério, dedicar ao estudo das artes, me denominar artista plástico que explora arte contemporânea africana e a minha realidade Guineense, pretendo mostrar minha realidade. Em 2018 assumi este compromisso, procurei saber quem são os outros artistas envolvidos? Conhecia muitos, inclusive o Sidney Cerqueira, éramos colegas de sala na escola TABORDA, estudamos juntos, sabia que ele adorava desenhar igual a mim, mas ele persistiu nisso eu nem tanto. Em 2011 convidou-me para participar numa exposição, então ele estava sempre a me incentivar. Com isso, criei uma página no Facebook nomeada Artistas plásticos da Guiné-Bissau, a cada artista que ia conhecendo colocava suas obras e biografias. Após criar um grupo no Messenger adicionei todos que conhecia e solicitei aqueles que pudessem adicionar outros artistas que o façam. Desta maneira manteremos diálogos e proximidades. Ao todo recenseei 75 artistas, nem todos estão ativos na função, apenas 3 mulheres estão inscritas e somente 2 estão ativos, eu e EDNA.

O precursor das artes plástica no tempo em que a Guiné-Bissau era ainda o então Guiné-Portuguesa, foi Augusto Trigo, vive em Portugal, ele é o responsável por formar outros artistas como o CARBAR (Carlitos Barros), MANUELA JARDIM a primeira mulher a se formar em artes plásticas em Londres.

Quanto à escola, não existiu uma política de apoio às artes plásticas desde a independência do país, a cultura sempre foi deixada de lado, cada artista seguiu seu rumo por si só. O setor que mais chama atenção na área cultural é o carnaval, que é o carnaval mais rico da costa ocidental da África. Tirando isso, as artes plásticas, a música, o cinema é ainda negligenciado. O Carlitos Barros que é o ancião, um dos precursores das artes plásticas, o Augusto Trigo já saiu da Guiné-Bissau a bastante tempo, o Carlitos Barros ensina os jovens o ofício da pintura na sua própria casa, neste caso se alguém decidir aprender a pintar ou desenhar com instrução de um professor, a referência é o tio Carlitos como ele é chamado pelos jovens artistas, do seu modo de ensino antigo ele vai ensinando, foi através dele que o Lemos Djata, Ismael Djata tiveram suas formações e estes por sua vez levaram adiante seus aprendizados para outros jovens interessados, no ateliê, galeria numa feira cultural no COQUEIRO. Muitos deles são autodidatas, como o Young Nuno, Kevin Lima outros vão para Senegal aprender o ofício com o mestre Malam Camará e o ADI PIRES, artistas guineenses também.

Alguns artistas migraram para Senegal porque há mais poder de compras, a atividade artística é bastante movimentada, as bienais que ocorrem, há mais oportunidades.

Tanto o Young Nuno e o Kevin Lima começaram o ofício com os irmãos Djata e depois foram se aperfeiçoar com os mestres no Senegal,

Não existe uma escola instituída em Bissau, é urgente que o governo faça isso ou algum particular, não existe uma galeria ou um museu nacional das artes no qual visitantes, turistas possam visitar para ver obras de artistas Guineenses, todos nós merecemos ter nossas obras expostas num lugar desse se tivesse.

Qual foi a área de formação

Fiz história, tinha três opções, era história científica ou ensino ou arqueologia que eram necessários para o país. Lecionei em Portugal durante um ano antes de regressar para Guiné-Bissau, chegado no país trabalhei numa ONG durante quatro anos na área de educação, dava formação nas unidades de educação nas regiões do país, viajava para formar as pessoas que ministravam estas unidades. Como professora estava me preparando para dar aulas, no entanto houve instabilidade no país, daí deixei o país junto com a minha família. O mestrado que fiz em Gestão era com intenção de quando voltasse para Guiné conseguisse vaga para trabalhar na consultoria que muitas ONGs proporcionam. Estava num país francófono, precisei estudar a língua francesa durante um ano intensivo e depois mais dois anos de estudo. Como já fazia arte e isso estava me consumindo cada vez mais decide num primeiro momento quando ainda estava na Tunísia, isto era antes do ano de 2015, que foi o ano que fui para a costa de Marfim, comecei a ser autodidata, a pesquisar, a me inspirar em fazer trabalhos mais fáceis, estava sempre a tentar o figurativo, a aperfeiçoar a técnica do realismo enquanto aplicava a técnica do abstrato.



Processo ou percurso criativo e temáticas

Quando cheguei à Costa do Marfim, já era apaixonada pelos tecidos africanos, o “axe” que produzem aqui, em cada canto da cidade que passa você vê alfaiates costurando, então, percebi que no final da tarde eles enchiam uma sacola com restos de tecidos com destino para as lixeiras, eram tão belos cada pedaço de tecido, logo fui falar com alguns deles, solicitei que guardassem que eu ia colecionar.

Colecionei estes restos de tecidos durante um ou dois anos, depois decidi dar início à colagem, pesquisei sobre a técnica, fiz alguma formação online. A técnica utilizada é mista, envolve pintura e colagem dos tecidos africanos em tela, não utilizo somente tecidos para a produção das minhas obras, também utilizo símbolos, os búzios, o curi.

De igual modo faço mosaico de tecido “Uacs” que é um tecido africano, faço também retratos das mulheres africanas.

A temática empregada é a arte contemporânea africana, retrato sobre a cultura, a realidade da mulher africana são as áreas que eu mais exploro.

Quando comecei a utilizar esta técnica não havia gente inserida nesse meio de produção da arte, acharam muito original e atualmente muita gente veio a utilizar esta técnica, posso afirmar que fui um dos precursores.

ANEXO 2



SIDNEY CERQUEIRA,

Na minha opinião arte plástica está a andar de muletas, existe um longo caminho a ser percorrido, estamos a falar de um país que não tem materiais, sem tinta, pincéis, espátulas, telas, não tem absolutamente nada. os artistas tendem a solicitar a vinda dos materiais do Senegal Portugal, alguns improvisam tintas de paredes para realizar seus trabalhos, é complicado. nos últimos anos está aparecendo um pequeno grupo de pessoas interessados em consumir artes plástica, mas o problema é a condição financeira para aquisição, o que obriga por vezes os artistas a vender suas obras por um valor lamentável, as vezes por 15 a 20 euros, obras que valeriam na europa por 2000

euros. não há falta de artistas, isso tem bastantes e excelentes artistas alguns deles já ganharam medalhas de ouro nas exposições no museu de Louvre, temos é falta de condição no país. fora da Guiné estamos a ter mais visibilidades, graças às redes sociais, vivo somente de pintura e graças a eles tenho obras espalhadas por todo o mundo, mas a situação dos artistas na Guiné-Bissau é muito, muito difícil.

Sobre política pública nunca tive apoio do governo, nunca fiquei à espera da assistência do governo da Guiné-Bissau, sempre arregacei a manga e fui atrás sozinho, nunca tive apoio do governo a não ser os likes nas redes sociais, ajuda é sempre bem-vindo, mas no meu caso não preciso, pois eu já estou bem instalado e bem organizado, acredito que o que precisam realmente do apoio do governo são aqueles artistas que estão na Guiné. estamos a falar de um país que não valoriza a cultura, quando se fala da cultura, é a música, os apoios vão tudo pra música, não nos falta nada, temos dançarinos, músicos, artistas, atores, temos é falta de apoio. e também há um outro problema, a instabilidade no país não ajuda, outro fator que prejudica os artistas e a má imagem que o país tem afora, a forma como é visto o no país. um país estável arrasta a cultura junto, fui naturalmente, um país que nem correios tem como é que faz? É complicado.

Motivações a sair da Guiné sai da guiné no ano 2000 para estudar na faculdade de letras em Portugal, estudei língua e cultura portuguesa, me mudei do curso fui para estudos africanos, quase a terminar larguei tudo e fiquei com a pintura, ainda estudando a pintura entrou na minha vida no ano 2004, entrou sem avisar. minha ex-companheira me inscreveu no curso de desenho técnico e pintura. aprendi a pintar sozinho, com muito estudo, assistindo vídeos no Youtube. no ano de 2008 comecei pra valer a viver da pintura, apesar de não conseguir ganhar bem, fui atrás de um emprego no supermercado, percebi depois que aquilo não era pra mim, decidi abandonar o trabalho e voltei a pintura.

Comecei a viajar, realizando exposições fora de Portugal, no ano 2009 fiz minha primeira exposição em Cabo-verde, a partir daí nunca mais parei, ou seja, parecia uma bola de neve, começaram a aparecer oportunidades e de repente vi minha vida organizada.

Sobre preconceito sentido como artista tendo a origem guineense, quais agentes mobiliza a exposição de seus trabalhos

estive ligado a uma galeria não gostei das políticas, afastei-me, decidi caminhar sozinho e durante muitos anos sempre fiz tudo sozinho. fazia inscrições nas feiras, recebia convites de fora para participar nas exposições, eu ia. neste momento tenho outra curadora com quem trabalho ela vai marcando exposições e paralelamente continuo procurando, me inscrevendo aqui e ali. também faço parte da Nimba Art Gallery no qual já fiz várias exposições.

Sobre o preconceito por ser guineense, a única coisa que senti foi na Guiné-Bissau, diziam-me sempre, “então estás a largar tudo para ser artista, estás maluco”? Ser artistas, o que vais fazer? não vais conseguir nada na vida!

Portanto, normalmente até os pais nunca querem que os filhos sejam artistas, eu tenho uma filha nunca vou incentivá-la a ser artista, é uma vida muito difícil, pois nunca sabemos quando vamos vender nossa obra, e essa instabilidade financeira não gostaria que minha filha passasse por isso, mas por outro lado o chamamento do artista é muito forte, é algo que nos toma, preenche o nosso coração e nos leva a fazer loucuras. Sinceramente não me vejo fazendo outra coisa, se um dia, mesmo depois de velho, se não conseguir me mexer vou pintar com a boca, de alguma forma vou criar.

As pessoas tendem a menosprezar, mas isso nunca vai me fazer deixar de caminhar.



Visão sobre processo criativo

Eu trabalho por encomendas, tem que trabalhar senão iria complicar. neste momento estou com dez encomendas pra fazer, sobre o processo criativo eu faço arte contemporânea, fugir do tradicional, vamos lá ver, os artistas plásticos guineenses a maioria são figurativas, fazer a s coisas muito perfeitinhas, as vezes aguçar a fotografia, alguns gostam das coisas tradicionais, das tabancas, as aldeias e por aí fora, eu não, pego tudo isso misturo com o abstrato, tiro uma outra coisa no meio, o que faço é uma espécie de salada russa. Sim, no meu objetivo me vejo como um artista contemporâneo.

Sobre temática

Eu trabalho muito sobre a temática da violência doméstica, trabalhei bastante sobre isso, hoje não trabalho muito sobre, também faço crítica social e política através da pintura vou dando minhas opiniões, trabalhos a questões de crianças desfavorecidas, tenho um projeto que se chama cores da esperança, já levei para o Brasil, para Cabo Verde, Guiné-Bissau, em Portugal, que consiste em criar ateliês de pinturas para as crianças desfavorecidas essa obras são

levadas para as exposições onde são expostas em conjunto com as minhas obras e essas obras são trocadas por materiais didáticos e bens de primeiras necessidades.

Com relação ao público que o projeto atende

Infelizmente não dá pra fazer tudo, decidi focar nos pequeninos, tem uma frase que se diz muito em Portugal e Guiné-Bissau: “de pequenino é que se torce o pepino”, ou seja, se começarmos a inculcar as boas maneiras, bons ensinamentos nas crianças desde pequenino, que com a entreatada, a partilha, a cultura se vai longe, tudo isso abre a mente, o espírito, se conseguirmos fazer isso é uma base forte para conseguir vencer.

Sobre a etnia pertencente

Do meu lado da Guiné eu sou pepel e biafada.

Memórias sobre experiência com arte na infância

Faço parte de uma família de artistas ao lado da minha mãe, todos tocam, pintam, desenham, de tios a primos e sou casado com uma cantora, nas escolas eu que fazia os trabalhos da educação visual.

Sobre estadia no Brasil (São Paulo)

Fui fazer duas exposições em Brasília, aproveitei e fui a São Paulo realizar ateliers com crianças.

ANEXO 3



LEMOS DJATA

artista plástica guineense, licenciado em línguas estrangeiras aplicadas pela universidade Évora em Portugal, com pós-graduação em línguas aplicadas e tradução, sou mais artista do que tradução, já trabalhei pela agência de micro finanças em Bissau, estive lá 2 a 3 anos depois voltei para vida artística porque é algo totalmente diferente. tive exposições a nível internacional, nos últimos 5 anos morei em Londres, vive como artista e trabalhei também, tive exposições ganhei prêmios, passei pela França onde ganhei medalha de ouro no museu de Louvre em 2018, tenho uma obra no museu MAC da Bahia, passei pela Espanha no museu marítimo de Barcelona onde fiz exposição. Também dou aula de desenho e pintura, tenho alunos online e atualmente estou ensinando crianças em Bissau.

O que o motivou a sair da Guiné e quando foi?

Ora, a minha primeira exposição para europa foi em Paris em 2005 em conjunto com meus irmãos tínhamos um grupo chamado irmãos unidos, o grupo era constituído de 4 integrantes, 3 dos irmãos e um primo, só que o primo desistiu pelo caminho e ficamos os 3 irmãos. recebemos um convite de uma senhora que era expormos na galeria de Lafet em Paris na França, foi o meu primeiro contato com a Europa, mas antes disso já tinha exposto em Dakar, Egito. essa ida a França foi uma oportunidade de conhecer também Portugal depois decidimos ficar para ter uma formação acadêmica que não seja somente na área das artes. Depois de terminar os estudos voltamos para Guiné com o intuito de dar nosso contributo para o estado guineense, como artistas não param, tive outra vez convite em Portugal e França, por último decidi ir para Londres porque oferecia mais oportunidades para mim como artista plástico, onde fiquei durante 5 anos. Quando voltei para Guiné em 2015 fui presidente da associação dos artistas plásticos em Bissau, como presidente da associação tive uma viagem para Bruxelas em conjunto com o Governo da Guiné-Bissau, onde participei da exposição da associação com o intuito de impulsionar a ONG, mas antes disso, já tinha ido a Bruxelas duas vezes, a convite do eurodeputado português Vasco da Salmoura, estive numa galeria também depois disso.

Sobre existência de escolas ou instituições de artes plásticas

Aqui em Bissau não temos nada disso, o que temos são ateliês artísticos, o ensino aqui ocorre junto de um mestre, como tive no ano passado estar com o grande mestre guineense, o Carlitos Barros, da mesma forma sigo o mesmo método de ensinar aos mais jovens para que consigam descobrir o talento, ultimamente estou a trabalhar mais com jovens, trabalhei em Évora, conheci uma senhora francesa que me cedeu um espaço numa escola francesa era somente crianças, essas crianças na sua maioria eram filhos de “cooperantes” ou seja filhos de estrangeiros, os pais tinham interesse que os seus filhos aprendam desde cedo a ter a capacidade criativa, então contrataram-me para realizar este trabalho, sempre gostei muito de trabalhar com crianças, elas são especiais, verdadeiras, com elas podemos nos descobrir, é tudo que podemos ter.

Sobre a associação dos artistas: desde quando foi fundada, quantos artistas associados existem?

Quanto a associação na altura tinha 30 associados de diferentes níveis, se formos ver os artistas de mais alto nível são as minorias, mas os outros no complementam. temos uma galeria que é um espaço na feira de artesanato, onde damos curso de desenho e pintura, meu irmão frequenta mais o espaço e ele é quem cuida, eu antes ia, mas ultimamente tenho tido bastante trabalho fora da galeria, então ele cuida da galeria. Fora este espaço o Chipe que é outro artista plástico tem seu espaço e seus alunos, o Carlitos Barros o mestre, tem seu espaço e seus alunos. Nesta mesma feira de Artesanato tem outra galeria que é Galeria Jovem que só reúne artistas jovens é tudo que temos aqui em Bissau para quem quiser aprender. Com relação à associação, quando fui para Londres me distanciei das atividades e nomearam uma outra representação.

Fundação da associação

Fundada entre 2010 a 2012, eu ainda não era presidente neste ano e estava em Portugal, somente em 2018 que voltei para Bissau que fui assumir o posto.

A motivação para a criação da associação

Ora, vamos ver que a Guiné a muito tempo que não teve uma associação de nível, foram muitas tentativas de criação que deu em nada, com a associação se tem mais valia, é algo que vai unindo, protegendo os artistas, fazendo quem que o artista se sinta artista, porque caminhando sozinho podemos chegar, mas com muita dificuldade, por outro lado caminhando juntos se chega mais fácil.

A falta da assistência e de políticas nas áreas das artes plásticas, e a difícil trajetória como artista plástico

O início foi muito duro, muito difícil, na altura comecei com os meus irmãos, era muito mais fácil e mais benéfico criarmos irmãos unidos do que cada um trabalhar por si, isso deu muito impulso ao grupo, se um aprendesse algo trazia o conhecimento para partilhar com o grupo, no entanto a sociedade guineense na época não tinha conhecimento profundo da arte, começamos a produzir arte nas cabaças e vendíamos no mercado, as pessoas comentavam: - “isso é só uma cabaça, não vale o preço que vocês estão a vender”, ao ouvir isso geralmente vem o desânimo, pelo contrário não nos ocorreu, tivemos a força de vontade, a criatividade de elaborar um mecanismo para atacar o mercado e assim mudar a visão errônea das pessoas a respeito da nossas obras artísticas, pois diziam que era melhor comprar arroz ao invés de uma cabaça esculpida.

Depois de algum tempo fomos mudando este pensamento, deixamos de esculpir cabaças e passamos a pintar nas telas, desta maneira surgiu uns outros irmãos unidos, subimos de patamar. Começamos a nos destacar, aparecendo na TV, entrevistas nas rádios, éramos convidados a participar em eventos, logo depois estávamos a patrocinar outros eventos. Após estes acontecimentos tivemos as primeiras viagens a Cabo Verde, Senegal. Saiu o noticiário: “Irmãos unidos estão, artistas guineenses estão em Cabo Verde, na cidade de Praia realizando exposições”.

Senti orgulho da nossa trajetória, pois eu era pra ser economista, mas quando chegou a pintura deixei de lado a economia, percebi que pintura era o que me movia. A língua estrangeira é um complemento da arte, por que tem a ver com a comunicação.

Antes de tudo isso, essa nossa trajetória esplêndida, não tinha conhecimento profundo sobre o que era arte, só pintava, pois adorava pintar. Eu falava que o Picasso não sabia pintar, quando olhava para as obras dele, era esse meu pensamento, atualmente tenho a sensibilidade de compreender a arte, pois arte é um conjunto de coisas que formam um todo. Hoje posso dizer que Picasso foi sim um artista, o porquê ele pintava da forma como pintava, porque ele era original, porquê que ele tinha amor à pintura, porquê que ele viveu e morreu como artista?

Mestres, artistas plásticos importantes, formação do grupo irmãos unidos

Meu irmão mais velho chama-se Issa Hipólito Djata e o Ismael Hipólito Djata, o primeiro já não pinta, tinha limitações físicas que não o permitia permanecer muito tempo sentado ou de pé, acabou deixando a pintura de lado, uma vez ou outra tenta pintar. O Ismael que sempre teve essa pujança até então mostra seu potencial na pintura com muito êxito. O nosso primo que parou de pintar muito cedo por conta de seu pai que adoeceu e ele foi para a cidade de Bafatá cuidar do pai e nunca mais pegou num pincel.

Eu quando comecei, o Ismael tinha levado uma cabaça para casa, pois foi ter com os irmãos gêmeos Manoel Júlio e Fernando Júlio para que lhes ensinassem a esculpir na cabaça, infelizmente eles não esculpam, mas lhe deram algumas dicas de como fazer, assim o Ismael aplicou e obteve o resultado satisfatório, achei interessante, logo pedi a nossa mãe 500 francos CFA para comprar uma cabaça, logo em seguida fui desenhar uma caravela, na época não tínhamos tintas, usávamos faca, esquentamos no fogo e assim marcamos o desenho, saia perfeito. Então, o Issa teve a ideia de levar as cabaças para vender no mercado, e assim o fez, levou e vendeu, vimos que dava para ganhar algo em troca, logo, nos sentamos e acertamos que era melhor a gente se unir para trabalhar juntos, desta maneira demos início ao grupo irmãos unidos.

O início do ganha pão

Após a criação do grupo começamos a frequentar o mercado, o Issa desenhava, eu pintava e o Ismael esculpia, revezamos conforme um ia se cansando a realizar determinada tarefa. Na época eu não era um bom desenhista, mas de tanto estar ali inserido na atividade, nessa troca de funções minha função muscular gravava tudo. Depois comecei a produzir bolsas de “calmas” (cabaça pequena), cortava no meio depois juntava os dois lados com um zíper, pintava com ilustrações de figuras do Rock, Pop, como Michael Jackson, David Boyd e entre outros, depois de pronto pendurava no ombro e saía a passeio, as pessoas me viam, elogiavam: nossa que lindo! Depois perguntavam: Consegues fazer uma para mim? eu respondia: Claro, faço sim! Depois disso, conheci uma senhora que nos lançou um desafio de pintar um retrato dela, eu logo aceitei, assim ela fez o pagamento e fui logo à produção.

Comecei a pintar e no final o resultado não saiu parecido ao retrato, fiquei desapontado e deixei a cabaça pendurada na varanda. Em outro momento voltei para pintar, comecei a

misturar as tintas de maneira a conseguir chegar nos tons desejados, finalmente consegui chegar no resultado desejado, me senti satisfeito, esta foi a primeira vez que fiz uma pintura realista.

Sobre técnicas de pintura: acrílico ou óleo



Eu pinto mais a óleo, comecei a pintar a óleo, porque o óleo que eu tinha era da marca Suvinil, óleo que é para pintar as portas, parede, era muito difícil, mas de certa forma eu tinha domínio com óleo, depois que utilizei óleo apropriado para pintura em tela ficou mais fácil, logo depois veio o acrílico ficou mais fácil, pois este é a base de água.

Do ponto de vista da temática: Qual é a fonte de inspiração?

Muitos me chamam de artista da alma, isso porque eu vou pintando o que me toca a alma, tenho feito trabalhos que me tocaram e que dizem respeito a minha pessoa. Quando estive em Londres passei momentos obscuros, desta forma fiz trabalhos daqueles momentos vividos, quando um senhor comprou três obras minhas e se sentiu tocado com aquilo. Eu sou assim, não pinto quando não tenho sensibilidade alguma, só pinto quando vem a sensibilidade, algo a me tocar, se não tocar a alma não pinto. Eu pinto bastante o ser humano, entendo que nele existe tudo, ele o responsável pela natureza, a matéria está nele, a espiritualidade. Depois gosto de pintar as pessoas mais velhas por conta das características faciais, as expressões da velhice. Pinto também as crianças, as mulheres.

Ultimamente tenho criado obras originais, para tal vou criando imagens na minha mente, uma temática pertinente que sensibilize a sociedade, mostrar o mundo em que vivemos, feito isto, vou a busca de materiais para dar vida a essa obra.

Sobre ter trabalhado com modelo vivo ou por fotografia

Já trabalhei, primeira vez que realizei isto foi numa coletiva que aconteceu na cidade de Coimbra, Portugal, organizada pela associação MAC de Coimbra, estavam presentes artistas

vindas de todo canto do mundo, tinha uma tela que era necessário subir para pintar, depois assina. Estava lá eu a pintar com uma trincha, vi uma moça ao meu lado, lhe perguntei se ela gostaria de ser a modelo, ela concordou, fiz o retrato dela, depois todo mudo ficou impressionado com o resultado. Depois estive na TGB (televisão da Guiné-Bissau), usei modelos e entre outros trabalhos.

Sobre a presença das mulheres nos grupos de produção artísticas

Não temos muitas artistas mulheres, temos a Irley, Eneida, Ismaela que está ainda no despertar desta arte, ela é a filha do meu irmão Ismael. Entretanto não conheço muito bem o trabalho da Eneida, por outro lado a Irley está se destacando bastante.

Sobre a exposição na bienal em dakar

Nunca estive na Bienal, somente realizei exposições na cidade.